

ISSN: 2178-602X

Resenha  
Volume 17, Número 2, mai.-ago. 2023

Submetido em: 1º/05/2023

Aprovado em: 12/05/2023

# A pauta jornalística como arma para combater preconceitos e opressões

*The journalistic agenda as a weapon to fight prejudice and oppression*

*La agenda periodística como arma para combatir los prejuicios y la opresión*

Larissa MORAIS<sup>1</sup>  
Victor ROCHA<sup>2</sup>

## Resumo

Resenha do livro *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*, de Fabiana Moraes (2022).

**Palavras-chave:** jornalismo; pauta; subjetividade

## Abstract

Review of the book *The agenda is a combat weapon: subjectivity, reflective practice and positioning to overcome a journalism that dehumanizes*, by Fabiana Moraes (2022).

**Keywords:** journalism; journalistic agenda; subjectivity

---

<sup>1</sup> Jornalista, professora Associada do Departamento de Comunicação Social da UFF, com doutorado pelo PPGCOM da UFF e mestrado pelo PPGCOM da PUC-Rio. Coordenadora adjunta do grupo de pesquisa Mídias, Redes e Jovens. E-mail [larissamorais@id.uff.br](mailto:larissamorais@id.uff.br); Orcid <https://orcid.org/0000-0001-6906-1635>

<sup>2</sup> Jornalista, doutorando em Mídia e Cotidiano pela UFF, com mestrado no mesmo programa. Integrante do grupo de pesquisa Mídias, Redes e Jovens. E-mail [victorrn@id.uff.br](mailto:victorrn@id.uff.br); Orcid <https://orcid.org/0000-0003-2741-8282>



---

## Resumen

Reseña del libro *La agenda es un arma de combate: subjetividad, práctica reflexiva y posicionamiento para superar un periodismo que deshumaniza*, de Fabiana Moraes (2022).

**Palabras clave:** periodismo; agenda; subjetividad.

---

## Introdução

No debate realizado durante o lançamento de *A pauta é uma arma de combate*, no Rio de Janeiro, Fabiana Moraes disse considerar que seu novo livro traz o amadurecimento de uma reflexão iniciada em torno de dez anos antes, na escrita das reportagens que deram origem ao livro *O nascimento de Joicy* (MORAES, 2015), sobre jornalismo e subjetividade.

Na obra de 2015, a autora traz reflexões em torno da série jornalística que publicou com o mesmo título no *Jornal do Commercio* de Pernambuco sobre o processo que levou uma cabeleireira de 51 anos, do interior de Pernambuco, nascida como João Batista, a tornar-se Joicy, após uma cirurgia de redesignação sexual pelo SUS. Depois de meses compartilhando momentos tão sensíveis, como manter uma postura distanciada/objetiva?, perguntava-se Fabiana. Como não se envolver, por exemplo, quando se deu conta de que o êxito da cirurgia de alta complexidade à qual Joicy havia se submetido estava em risco porque o hospital não oferecia meios para o retorno seguro da paciente à sua cidade? Como agir diante do contato frio de um dos médicos que tratou de Joicy? E como reagir aos pedidos de ajuda que vinham da personagem? Fabiana concluiu que manter-se neutra era impossível, mas trouxe perguntas importantes sobre limites da relação entre jornalista e fonte.

A discussão sobre subjetividade já era densa na reflexão sobre a história de Joicy, mas naquele momento a autora ainda não se deparava tão claramente com as questões sobre gênero, raça e classe que despontam no novo livro como elemento fundamental. Recém-lançada pela Arquipélago Editorial, *A pauta é uma arma de combate* propõe uma reflexão crítica sobre a construção das pautas jornalísticas como berço de abordagens frequentemente racistas, elitistas e homofóbicas. Normalmente tratadas na literatura de referência pelo viés instrumental, no livro de Fabiana as pautas conduzem uma análise mais abrangente sobre como o jornalismo pode (e deve,



urgentemente) ser uma atividade que contribua para reduzir os preconceitos sociais, em vez de fomentá-los.

O trabalho carrega ao mesmo tempo críticas duras e uma esperança intensa em torno do jornalismo. A autora aponta a face mais preconceituosa dessa prática nascida do universalismo excludente que estruturou a sociedade ocidental moderna, sem nunca deixar de apontar caminhos de transformação. Ela demonstra que, sob o pretexto de buscar uma pretensa forma de objetividade, o jornalismo naturalizou e ainda naturaliza abordagens elitizadas e excludentes.

A ideia da pauta como arma de combate é inspirada no significado da sociologia para Pierre Bourdieu. Numa entrevista concedida no fim dos anos 1990, o intelectual francês afirmou que sua ciência favorita representava para ele “um esporte de combate” às diferentes formas de dominação. De tão forte, a metáfora foi escolhida como título do documentário *A sociologia é um esporte de combate*, de 2002, sobre a trajetória de Bourdieu. Já para Fabiana, a pauta foi o espaço possível para demarcar uma perspectiva de enfrentamento a enquadramentos violentos e reprodutores de estereótipos, entre outros vícios do campo jornalístico.

Sem qualquer intenção de diminuir o papel de suas próprias subjetividades na produção científica, Fabiana deixa claro já nas primeiras páginas que o livro traz muito dela mesma, sujeito, e que sem sua reflexão e sua prática o conteúdo disposto na obra não existiria. O livro é uma consolidação possível, bastante madura e coerente, do que Fabiana Moraes desenvolveu em sua trajetória profissional. Mesmo assim, abre portas para mais. Como boa ciência e reflexão, exhibe complexidades, voltadas sobretudo a uma maior sensibilidade social e percepção de interseccionalidades. Para a autora, o “lugar” de construção da complexidade, no jornalismo, é a pauta. E a ideia de trabalhar a partir da pauta traz uma importante contribuição ao campo do jornalismo, que, como Fabiana demonstra, carece de estudos mais profundos em torno do tema.

No encadeamento do livro, Fabiana Moraes optou por um caminho reflexivo complexo, coerente com sua trajetória. Ela historiciza a constituição do jornalismo como ponto de partida para um conjunto de questionamentos sobre os diferentes sentidos de objetividade e seus efeitos sobre a atividade jornalística. A autora considera que determinados procedimentos básicos da feitura da notícia requerem objetividade,



no método. Suas críticas recaem sobre um outro tipo de objetividade, de teor filosófico: “a objetividade assentada numa racionalidade que se coloca como universalista, construída sobre ideais humanistas racializados, generificados, sobre uma racionalidade que construiu um ‘normal’ e um ‘outro’” (p. 15), sob a influência do positivismo.

### **Fazer pensando, pensar fazendo**

Jornalista há duas décadas e pesquisadora há pouco mais da metade desse tempo, Fabiana Moraes interligou de modo inseparável os dois ofícios. A reflexão que a hoje docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) propõe nasceu de suas vivências como repórter do Jornal do Commercio de Pernambuco, no cotidiano da profissão. Nas palavras dela, o “fazer pensando” jornalístico passou a guiar um “pensar fazendo”, que enxergamos na produção acadêmica da autora como método de investigação.

Esse *modus operandi* pode ser associado ao que Agnes Heller (2011) entende como uma “suspensão do cotidiano”. Autora de referência para o Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF), a filósofa húngara sustenta que tal atitude filosófica representa um caminho para fazer do cotidiano um tempo-espço oportuno à transformação social. Suspender o cotidiano seria olhar para ele a partir de uma perspectiva diferente, um ponto exterior, e de modo crítico, com vistas a transformá-lo – tal como faz Fabiana. Trata-se de uma operação labiríntica, já que a vida cotidiana é normalmente marcada por automatismo e repetições que tendem a levar à alienação, especialmente no campo do trabalho.

A inevitabilidade da subjetividade no jornalismo é um ponto levantado. A autora lembra que mesmo quando não há, na produção de uma notícia, a intenção de deixar o olhar subjetivo emergir, essa dimensão estará presente em algum grau, uma vez que o mediador da notícia é alguém que não pode se apartar do próprio mundo subjetivo, nem de seus vieses.

A autora traz ainda a ideia de subjetividade social, trabalhada pelo cubano González Rey, para tornar mais completa sua própria concepção de subjetividade como



uma trama formada de diversos níveis da vida, permeando diferentes instituições, grupos e formações sociais concretas (p. 99). Essa percepção descola a subjetividade de uma ideia clássica individualizada e implica diversos afetos e influências à produção subjetiva, sobretudo em espaços de produção cultural e nas experiências vividas. Como parte de uma estrutura social, vieses de preconceito e relações hegemônicas são ligados à subjetividade, por exemplo. Fabiana se alia a González Rey para pensar uma subjetividade que é social e também pessoal, e portanto carrega embates, disputas e ideologias. Assim, questiona um jornalismo que não é formatado conforme suas condições sociais, que pensa a “atualidade” como maior valor mesmo dentro de uma cultura com problemas que se inscrevem historicamente, estruturalmente, e mantêm influências diárias no que é atual.

Outros autores de referência em diferentes passagens são Márcia Veiga, Muniz Sodré e Erick Villanueva. Há ainda a presença recorrente do artista plástico chileno Alfredo Jaar, que vive nos Estados Unidos e vem produzindo trabalhos que colocam em xeque os critérios jornalísticos de noticiabilidade. Um deles mostra que, de 2.500 capas da revista semanal norte-americana Time entre 1936 e 1996, somente cinco foram dedicadas à África e, nessas poucas, o foco estava no exotismo do continente. Foi também Jaar que chamou a atenção para o fato de que, só quando a guerra civil em Ruanda, em 1994, alcançou 1 milhão de mortos, mereceu uma capa da Newsweek, outra das mais importantes revistas dos Estados Unidos.

Já o Nordeste Brasileiro é exposto de modo sistemático como a região da fome e da pobreza e, portanto, da necessidade de tutela. A autora se ressentida de determinados valores noticiosos ainda serem ensinados nas escolas de jornalismo de maneira dogmática, em vez de serem analisados como expressão de uma sociedade “outrofóbica”. Ela nota que ainda há muita resistência à quebra dessa objetividade que determina lugares sociais. Muitas vezes, vinda dos próprios jornalistas e de professores, crendo que defender a subjetividade é atacar preceitos básicos do profissionalismo no campo, como o método e a técnica.

Essas e outras análises estão presentes no primeiro capítulo, que tem como tema principal justamente “o mundo que o jornalista enquadra”, com ênfase nas deturpações que determinados enfoques sobre personagens e histórias podem provocar. No já mencionado evento de lançamento do livro no Rio, a autora citou a



metáfora escolhida nesse capítulo de abertura para definir o modo como tantos jornalistas compactuam com os pecados da atividade: seriam “amoladores de facas”, na expressão do psicólogo Luís Antônio Baptista.

Em alguns dos exemplos expostos no livro, esses profissionais estão mais para lançadores de facas. Como no caso da pergunta de um repórter do jornal Zero Hora a uma mulher que havia sido mutilada pelo marido: “o que você fez para ele perder a cabeça?”. Ou no caso da mulher assassinada pelo marido em Recife exposta na capa do jornal *Aqui PE* caída no chão, com a genitália à mostra – decisão editorial que provocou ação civil pública, instaurada pelo Ministério Público de Pernambuco. O corpo feminino também é alvo de machismo e mau gosto na notícia “Quase perfeita: Maria Sharapova supera a chuva, mas não a celulite, e arrasa rival em Roland Garros”, da Folha de S. Paulo. Em vez de enfatizar a brilhante vitória da tenista, o jornal optou por chamar a atenção para a celulite, apontada como um impedimento para a perfeição.

## O Jornalismo de Subjetividade

A autora começa o capítulo dois, “Tirando a subjetividade do armário”, remontando a entrevista cedida pela modelo Samirah Raheem durante a Marcha das Vadias de 2017, nos Estados Unidos. No caso, um pastor e entrevistador, Jesse Lee, questiona a ativista: “Você é uma vadia?”. A jovem dá um suspiro, sorri, olha para a câmera e responde que “sim!”. Diz que ela, o pastor, o câmera, sua equipe... Todos eram vadias.

Fabiana explica que o enfrentamento de sentidos proposto por Raheem ao jornalista pastor é simbólico. A modelo ressignifica uma palavra que historicamente controlou, diminuiu e estigmatizou mulheres. Essa ilustração, além de agregar ao conteúdo do livro enquanto análise jornalística, serve a Fabiana como forma de explicar a sua opção pelo uso do termo jornalismo de *subjetividade*. Mesmo crendo que a dicotomia objetividade e subjetividade empobrece o pensar Comunicação, a autora entende que, ao ressaltar o segundo termo diante de uma cultuada objetividade jornalística, pode também afrontar as míticas do campo: “O jornalismo de subjetividade enquanto a vadia da marcha”.



É através de percepções menos ingênuas sobre ideias de objetividade e subjetividade que a autora nos impõe a questão: como propor uma melhor objetividade jornalística sem que levemos junto aspectos hierárquicos dos valores-notícia que foram fundados em exclusões de povos, grupos e culturas? Buscando a resposta, Fabiana aponta para uma percepção de subjetividade que consiga expor os recalques da sociedade e dos próprios jornalistas, de forma que obrigue todos a lidar com problemas entranhados em nós e na nossa cultura.

Sempre de forma aberta e articulada, não deixando de expor suas experiências e vieses enquanto sujeito e profissional, a autora propõe o jornalismo de subjetividade como uma maneira de trabalhar as noções metodológicas jornalísticas sem que se deixem apagar ou escapar as inerentes escolhas referentes a gênero, classe, raça e territórios contidas em cada pauta. Neste intento, esquematiza alguns dos pilares que agora entende comporem sua proposta ao jornalismo, colaborando para uma produção discursiva mais inclusiva e transformadora, que busca desnaturalizar formas redutoras do “fazer conhecer” através do campo. São eles: 1. reflexividade contínua sobre ensino e prática; 2. crítica aos valores-notícia; 3. capacidade criativa/criadora; 4. dimensão ativista e sensibilidade hacker; 5. Interseccionalidade (MORAES, 2022, p. 106).

*A reflexividade contínua sobre ensino e prática* parece brotar da experiência mais cotidiana da autora, que tramita constantemente entre estes dois platôs. Através desse pilar, reforça a necessidade de reflexão, desenvolvimento crítico e percepção da própria agência profissional como caminho para superar um apequenamento do fazer-pensar jornalístico. Criticando os *valores-notícia*, Fabiana propõe pensar “o valor desses valores” e questionar sempre a docilidade com a qual nos relacionamos as suas premissas. Chama a atenção para a constituição destes princípios e demonstra que em suas bases existem critérios classistas, racializados e “outrofóbicos”. Através da devoção irreflexiva desses valores, as pautas estariam condicionadas a uma objetividade elitista. Sobre a *capacidade criativa/criadora*, Fabiana dialoga com possibilidades jornalísticas mais inspiradas através da proximidade com a arte, pela estética da comunicação. A autora aponta esse ambiente como território possível para o exercício da prática informativa, mas diante do qual o jornalismo ainda treme e vacila, sobretudo ao confrontar a credibilidade de suas narrativas em esquemas



dicotômicos que seguem soando seguros, como emoção e razão, objetividade e subjetividade, ficção e realidade.

A análise de Fabiana cresce quando passa a comentar a *dimensão ativista do jornalismo e a sensibilidade hacker*. Não se faz jornalismo sem viés, sem posicionamento, sem ativismo. A autora lembra que a ação social da profissão é uma de suas constituintes e que, por isso, não deve ser afastada. Nesse caminho, demonstra exemplos de colegas respeitados que ainda têm dificuldade em lidar com essa verdade. Em seguida, Fabiana pega emprestado a “sensibilidade hacker” de Adrienne Russell (2016) e expande a ideia ao seu próprio debate, passando a compreender esse pensamento como uma forma de atitude posicionada. Sensibilidade se transforma em estratégia quando relacionada ao conhecimento do funcionamento interno dos veículos de imprensa, no que inclui atenção e ação às especificidades e possíveis barreiras do campo, construindo formas de driblá-las em determinados momentos. Ou seja, uma resistência interna tática e criativa.

Por fim, a *interseccionalidade* é colocada como elemento chave na proposta do livro e, por consequência, na proposta de Fabiana sobre um novo pensar no jornalismo. A autora entra em auto reflexão para perceber que dialogou, em toda sua trajetória, com questões interseccionais. Aqui, encontra a convergência que buscava para apontar um caminho de análise mais robusto à sua própria proposta de pensar-fazer a profissão. O cruzamento de fatores sociais (tais como raça, gênero, etnia, local de moradia, classe e idade) como definidores de identidades e construtores de percepções é basilar ao jornalismo de subjetividade.

A proposta de Fabiana não deve ser pensada como algo restrito a gêneros jornalísticos, já que perpassa as perspectivas críticas e reflexivas do campo como um todo. Ainda assim, é inegável que, na reportagem, quando o profissional tem maior tempo, espaço e liberdade de ação, ela pode ser empregada de modo mais evidente e até mesmo efetivo. Fica o desafio de transpor cada vez mais essas lógicas ao jornalismo de modo geral.



### **Sem inocência. O contra-ataque.**

Fabiana sustenta que a pauta nada tem de inocente. Ponto de partida da produção de notícias, essa estrutura carrega valores caros às empresas jornalísticas e costuma ser o berço de distorções. Contudo, à medida que consolida conceito, abordagem e perguntas de um jornalista, a pauta pode ser usada também para desmontar violência e deturpações. Por exemplo, a pauta pode indicar a produção de uma matéria sobre “a mulher que mandou matar o próprio marido” ou sobre “a mulher que, estuprada durante anos pelo próprio pai, decide reagir às agressões que sofreu”.

A segunda abordagem foi a adotada pela própria Fabiana numa série de reportagens chamada “A vida é Nelson”, no *Jornal do Commercio*, em memória dos 100 anos do nascimento de Nelson Rodrigues, em 2012. Para marcar a data, a jornalista selecionou, após uma longa pesquisa, histórias reais tão ou mais impressionantes do que as ficções criadas pelo autor. A reportagem sobre essa mulher, Severina, que engravidou 12 vezes do pai, foi chamada de “Álbum de família”, título de uma das mais famosas peças de Nelson Rodrigues. A série traz ainda as histórias “Vestido de noiva” e “Engraçadinha”, que também têm pontos de aproximação com clássicos do escritor pernambucano.

Estas e outras duas séries especiais de Fabiana são reproduzidas na íntegra ao final do livro e detalhadamente analisadas no capítulo 3, a partir de uma estrutura que inclui os itens tema; a pauta propriamente dita; análise e conceito; pré-apuração; desenvolvimento; e autocrítica – certamente uma das partes principais. Passado um tempo da publicação, a autora é capaz de identificar erros e omissões no processo de produção das notícias, numa iniciativa tão incomum quanto valiosa no meio jornalístico, seja para outros profissionais de imprensa, aspirantes a jornalistas e pesquisadores da área.

Fabiana destaca que a pauta costuma ser vista de maneira instrumentalizada, pragmática, como se fosse um tipo de roteiro pré-definido a ser cumprido. Ao mesmo tempo, o momento de escolha do tema a se tratar numa reportagem pode também determinar escolhas e enquadramentos distintos daqueles racializados e elitizados



encontrados fartamente nos veículos brasileiros. Nessa medida, a pauta torna-se espaço de influência para a ação reflexiva e transformadora.

O percurso traçado por Fabiana leva a um olhar refinado sobre o lugar da pauta enquanto possível arma de combate à hegemonia capitalista e às desigualdades por ela impostas. Trata-se de pensar o mundo e a produção jornalística de modo inclusivo, agregador e poderoso, desde a concepção. Como ferramenta de resistência social e do próprio jornalista ao meio normativo sob o qual trabalha, diante da pressão de tradições, chefes, empresas e colegas. “A pauta pode ser o instrumento para fazer toda uma camada do que aparentemente era ‘normal’ ou aceitável ganhar outro status frente à opinião pública” (p. 183). Assim, o próprio acontecimento, e a perspectiva criativa colocada sobre ele, tem poder de ser uma ação desnaturalizadora impulsionada por jornalistas.

---

## Referências

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Jornalismo, transexualidade e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

RUSSEL, Adrienne. **Journalism as activism: recording media power**. Cambridge: Polity Press, 2016.



Esta é uma RESENHA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.